

Um mercado amplo e de autores escassos

O mercado editorial da FAE é muito amplo, mas alguns autores parecem estar presentes em todas as áreas. O jornalista Arnaldo Niskier, diretor da Bloch Editora e membro do Conselho Federal de Educação, por exemplo, é autor de três coleções de Matemática para o 1º grau, duas de Ciências e ainda um curso de Educação Ambiental para professores, "Amor à Vida".

Ao todo, são 27 títulos assinados pelo jornalista, que explicou tal volume de produção como resultado de sua formação diversificada: licenciado em Matemática, ex-professor de Geometria Analítica e doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde ocupa o cargo de professor titular de História e Filosofia da Educação.

Para muitos dos críticos do atual sistema adotado para o livro didático nas escolas públicas, nem tudo é tão simples. O presidente do Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro, Gilson Poppin, por exemplo considera o Conselho Federal de Educação

como normatizador da FAE, por suas atribuições gerais.

De modo parecido, é bem difícil encontrar um professor da rede pública de primeiro grau que tenha acesso às publicações distribuídas anualmente pela FAE, através do Programa Nacional de Salas de Leitura. As estatísticas, entretanto, dizem que, no ano passado, chegaram às salas de aula mais de 600 mil exemplares, entre revistas como Nova Escolar e Sala de Aula, compradas da Fundação Victor Civita.

Distribuídas para uma rede de 192 mil 864 escolas, estas publicações praticamente desaparecem, apesar do alto custo representado pela sua aquisição. O diretor do Serviço de Assistência ao Estudante da Bahia, Reinaldo Hortélio, garante que jamais recebeu qualquer exemplar.

Mesmo com todas as dificuldades, a FAE fechou contrato com a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), para compra de 200 mil exemplares da revista "Ciência Hoje das Crianças", que começou a

circular em 1990. O custo das duas edições contratadas foi de 286 mil BTNs e no contrato está incluída, também a obrigação da SBPC de remeter as revistas até as escolas.

É difícil dizer o que representam 200 mil revistas num universo de 25 milhões de crianças — uma revista para cada grupo de 125 crianças. Isso significa que cada uma teria que esperar quase quatro meses para poder ter a publicação por um dia, mais difícil, ainda, é imaginar como chegarão estas revistas às mais de 145 mil classes multisseriadas escondidas nos mais insignificantes povoados e vilas do interior.

As crianças em fase de alfabetização no Acre, enfrentam uma dificuldade a mais, para aprender a ler. É que muitas das palavras usadas para introduzir novas letras designam objetos praticamente desconhecidos no universo tropical-úmido em que vivem — como mais de cerca de três milhões de alunos da rede pública de primeiro grau na região Norte do Brasil.